

# CARTA MENSAL

JANEIRO 2025

## CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

**Como foi janeiro: Início do novo governo Trump nos EUA; Ceticismo quanto ao compromisso do governo brasileiro com a estabilidade econômica.**

No início do mês, a divulgação dos indicadores qualitativos globais (PMIs) de atividade e inflação dos setores de manufatura e serviços referentes a dezembro revelou a terceira elevação consecutiva, ainda que modesta, da atividade econômica global. Esse movimento foi impulsionado principalmente pela aceleração do setor de serviços, enquanto a manufatura apresentou retração. Paralelamente, os indicadores de preços apontaram um aumento das pressões inflacionárias nos serviços, ao passo que diminuíram no setor manufatureiro.

Nos Estados Unidos, os indicadores do mercado de trabalho de dezembro, divulgados no início de janeiro, voltaram a surpreender, com a criação de empregos muito acima das expectativas do mercado e uma nova queda na taxa de desemprego. Isso reforçou a percepção de que a economia americana se manteve robusta no final do ano passado. No entanto, o índice de preços ao consumidor (CPI) de dezembro indicou sinais de esgotamento do processo desinflacionário. Diante desse cenário, o Comitê de Política Monetária (FOMC) do Federal Reserve (Fed) já vinha sinalizando a possibilidade de interromper o ciclo de afrouxamento monetário iniciado em setembro, não apenas por não haver urgência para novos cortes diante do ritmo de crescimento da economia, mas também pelas incertezas quanto à continuidade da desinflação. Assim, não foi surpresa quando, na reunião do dia 29, o comitê manteve a taxa de juros inalterada, e o Sumário de Projeções Econômicas (SEP) indicou a previsão de apenas dois cortes adicionais de 25 pontos-base em 2025.

No entanto, o grande evento econômico e político do mês nos Estados Unidos foi a posse do presidente Donald Trump, no dia 20. Como amplamente antecipado, o novo governo iniciou o segundo mandato com uma série de anúncios de impacto



nas áreas comercial, regulatória e geopolítica. De forma resumida, a agenda econômica da nova administração apresenta foco inicial em medidas protecionistas. Entre elas, elevações nas tarifas de importação a seus principais parceiros comerciais: Canadá, México e China. Embora alguns anúncios tenham sido parcialmente recuados, ainda é cedo para avaliar plenamente os desdobramentos dessas medidas, além de também ser muito importante separar todos esses ruídos, que inclusive podem servir para distrair a mídia, oposição, entre outros, enquanto o governo vai ao mesmo tempo, direcionando diversos outros assuntos e questões que podem estar efetivamente entre suas prioridades. Neste ponto vai ser fundamental separar os efetivos sinais que podem estar dentro de uma grande quantidade de ruídos.

Na Zona do Euro, a estagnação econômica persistiu, refletindo o desempenho fraco das principais economias da região, como França e Alemanha, enquanto os países menores demonstraram algum dinamismo. Na China, a divulgação do PIB do quarto trimestre confirmou que o país atingiu a meta de crescimento de 5% para 2024. No entanto, persistem dúvidas sobre a sustentabilidade dessa recuperação, tanto pela fragilidade da demanda doméstica, decorrente de problemas estruturais ainda não resolvidos, quanto pelo possível impacto das novas medidas comerciais impostas pelos Estados Unidos. No Oriente Médio, houve a notícia positiva de um cessar-fogo entre Israel e o Hamas, incluindo a troca de prisioneiros.

No Brasil, os indicadores de atividade continuaram demonstrando resiliência, embora tenham surgido sinais de desaceleração da economia. No campo inflacionário, o cenário seguiu se deteriorando, com a inflação corrente superando as projeções dos analistas, apresentando uma composição desfavorável e resultando em uma nova desancoragem das expectativas para este ano e os próximos. Esse quadro torna ainda mais desafiador o esforço para reconduzir a inflação à trajetória de convergência com a meta. No dia 29, o Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central do Brasil (BCB), agora sob nova direção e com maioria de membros indicados pelo atual governo, seguiu a sinalização dada em dezembro e elevou a taxa básica de juros em 100 pontos-base. Além disso, reforçou a mensagem de que, na próxima reunião, em março, deve realizar outra elevação de mesma magnitude. A comunicação do COPOM foi compatível não apenas com a magnitude do desafio, mas também com a necessidade de reforçar sua credibilidade em um ambiente de crescente ceticismo quanto ao compromisso do atual governo com a estabilidade macroeconômica.

## **O que olhar em fevereiro: Tarifas da nova administração nos EUA; Discussões sobre a aprovação do Orçamento no Brasil.**

Em fevereiro, o cenário internacional deverá continuar sendo influenciado pelo ativismo da nova administração Trump. Na primeira semana do mês, observamos recuos temporários nas imposições de tarifas ao Canadá e ao México, mas não se pode descartar a possibilidade de que essas tarifas sejam, de fato, implementadas. Também existe a questão a respeito das tarifas sobre as importações chinesas, com as autoridades da China adotando medidas retaliatórias. O contexto permanece altamente incerto, e o único aspecto claro até o momento é que a nova administração americana tende a gerar volatilidade.

No Brasil, as eleições para as mesas diretoras de ambas as casas legislativas ocorreram conforme o esperado, sem surpresas relevantes. A partir disso, será fundamental acompanhar de perto os desdobramentos do processo de aprovação do Orçamento deste ano. Apesar das declarações iniciais dos envolvidos, entendemos que a questão está longe de ser resolvida, pois ainda há desafios consideráveis, como a definição das emendas parlamentares e a inclusão de despesas não previstas no projeto original. Além disso, será essencial monitorar os indicadores de atividade e inflação para avaliar os próximos passos da política monetária, especialmente sobre o que pode ser feito após sua reunião de março.



## MERCADOS E ESTRATÉGIAS

Após um período prolongado de estresse nos preços ao longo de todo o ano passado, e especialmente em dezembro de 2024, os mercados locais encerraram janeiro com sinais pontuais de recuperação. Esse movimento pode ser atribuído a fatores externos, como a tarifação do novo governo Trump, que se revelou menos agressiva do que o esperado, a redução parcial de posições compradas por investidores estrangeiros no dólar em relação a moedas de países emergentes e desenvolvidos, e a decisão do Copom de não sinalizar qualquer alteração além de uma nova alta de 100 pontos-base nos juros em março, onde embora o Comitê tenha reconhecido preocupações com uma inflação mais elevada, também indicou riscos de um possível desaquecimento econômico no futuro.

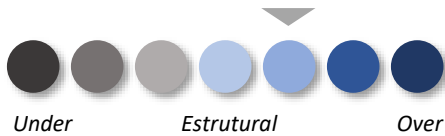
Apesar dessa recuperação inicial, é prematuro afirmar que há uma tendência sustentada de valorização nos preços, especialmente diante das incertezas fiscais internas, das expectativas inflacionárias desancoradas, dos elevados níveis de juros e do cenário externo incerto, em grande parte devido indefinição em torno das políticas tarifárias do novo governo dos Estados Unidos.

Dentro deste contexto, os riscos fiscais no Brasil continuam sendo um fator crítico, pois, além das próximas ações que eventualmente podem ser tomadas pelo governo, o direcionamento da agenda econômica dependerá do Congresso, que inicia o ano sob a liderança de novos presidentes nas duas casas legislativas.

Diante da manutenção de um ambiente de elevada incerteza, seguimos com uma estratégia de alocação conservadora, voltada para enfrentar um cenário desafiador e de maior volatilidade. Nossa abordagem prioriza liquidez, resiliência e diversificação dos portfólios. Nesse sentido, destacamos:

- (1) Ainda mantemos uma elevada proporção da alocação de renda fixa em taxas pós-fixadas.
- (2) Continuamos avançando gradualmente com a adição de posições na curva de juros reais.
- (3) Apesar do recente movimento nas curvas de juros locais, seguimos sem exposições prefixadas em juros nominais.
- (4) Consideramos que o ajuste realizado ao longo do último trimestre de 2024, com a redução parcial na alocação de crédito privado (principalmente em setores e empresas mais alavancadas), já foi adequado e suficiente.
- (5) Não realizamos mudanças no posicionamento em multimercados, mantendo o nível de alocação inalterado.
- (6) No mercado acionário, continuamos priorizando a alocação no mercado norte-americano.

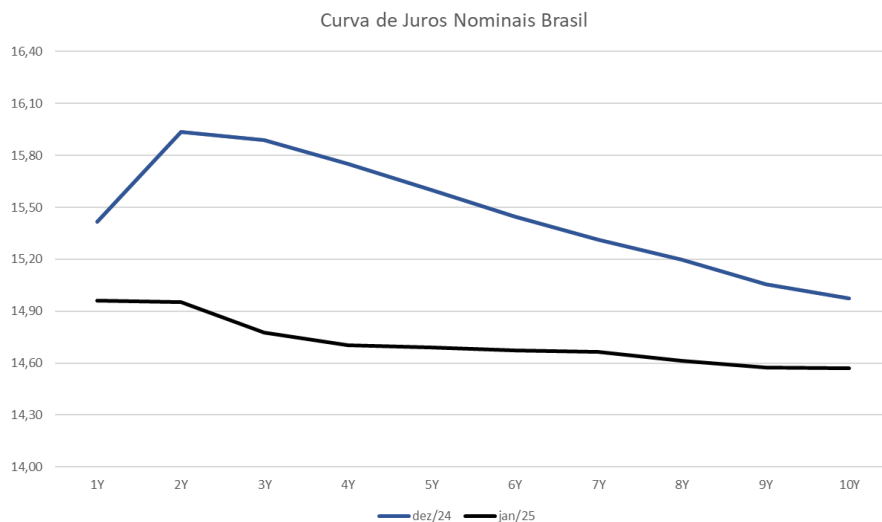
## 1. Renda Fixa



Em janeiro, o Copom elevou a taxa Selic para 13,25% ao ano, em uma decisão amplamente antecipada, e sinalizou a manutenção dessa postura na próxima reunião. No entanto, o comitê não forneceu diretrizes claras além desse horizonte. Suas projeções de inflação foram revisadas para cima, mas ainda permanecem relativamente mais moderadas do que a percepção dos participantes do mercado, mesmo diante das recentes surpresas nos índices de preços e do agravamento das expectativas no boletim Focus. No Comunicado e, posteriormente, na Ata, o comitê detalhou sua avaliação sobre o balanço de riscos, que segue assimétrico, com maior probabilidade de a inflação superar a projeção do cenário-base. Além disso, reforçou a mensagem de um ambiente global mais incerto e de maior volatilidade cambial, fatores que exigem cautela na condução da política monetária doméstica.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve (Fed) decidiu manter a taxa básica de juros no intervalo de 4,25% a 4,50% na primeira reunião do ano. A decisão ocorreu após três cortes consecutivos nas reuniões anteriores, totalizando uma redução de 1 ponto percentual desde setembro de 2024. O Fed destacou que os riscos para o emprego e a inflação estão equilibrados, observando que a economia segue em crescimento sólido e que a taxa de desemprego permanece em níveis historicamente baixos. Além disso, a inflação, medida pelo índice de preços de gastos de consumo pessoal, ainda se mantém ligeiramente acima da meta de 2%. Diante desse cenário, as curvas de juros nominais e reais permaneceram relativamente estáveis, refletindo a postura cautelosa do Fed em relação a futuras alterações na política monetária.

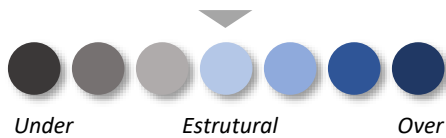
No período, a curva de juros nominais no Brasil, que havia encerrado 2024 precificando aproximadamente 480 pontos-base de elevação até o final de 2025, terminou janeiro, após a elevação de 100 pontos-base no mês, ainda incorporando cerca de 246 pontos-base adicionais até o final do ano. Nos Estados Unidos, os juros dos títulos de 10 anos, que haviam fechado dezembro em 4,5690%, terminaram janeiro em 4,5387%. O índice IMA-B, que reflete uma cesta de títulos públicos indexados à inflação, registrou um retorno de 1,07% no mês, enquanto o índice IRF-M, composto por títulos públicos prefixados, apresentou um retorno de 2,58%.



Fonte: Bloomberg / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management



## 2. Crédito Privado

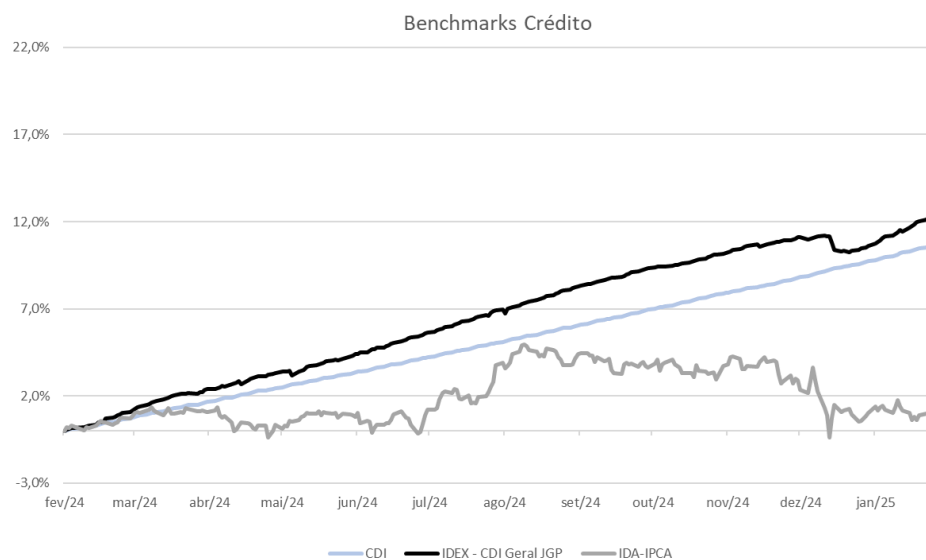


Em janeiro, o índice IDEX-CDI subiu 1,79% (177,27% do CDI) e encerrou o mês com um carregamento de 2,06%, fechando 28 bps abaixo de dezembro (desconsiderando Aeris). O período foi marcado pela recuperação dos spreads de crédito, após a correção ocorrida em dezembro, devido à dinâmica do mercado de juros. Os títulos de empresas com menor alavancagem apresentaram maior compressão, enquanto os créditos de empresas com maior nível de endividamento continuaram sendo menos demandados.

Dentre os destaques de performance, vale mencionar Burger King (-145 bps), Magazine Luiza (-210 bps), além de Vibra e Hapvida. Os títulos atrelados à inflação apresentaram rentabilidade positiva, acompanhando a dinâmica da curva de juros reais, porém inferior ao indexador IDEX-CDI no período — o IDA-IPCA subiu 1,58% e o IDA-Geral avançou 1,56%.

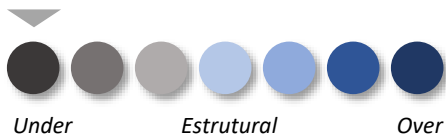
Segundo dados da ANBIMA, os fundos da categoria (grau de investimento e crédito livre) registraram captação líquida negativa de R\$ 185 milhões no mês, revertendo a tendência positiva observada em 2024. Nos últimos 12 meses, o saldo acumulado de captação segue positivo em R\$ 263,9 bilhões.

No mercado primário, os destaques foram as emissões de: B3 – R\$ 1,7 bilhão (CDI + 0,59% com vencimento em 2031) e COPA Energia – R\$ 1,38 bilhão (sendo R\$ 920 milhões a CDI + 0,8% com vencimento em 2030 e R\$ 460 milhões a CDI + 1,00% com vencimento em 2032).



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

### 3. Multimercados

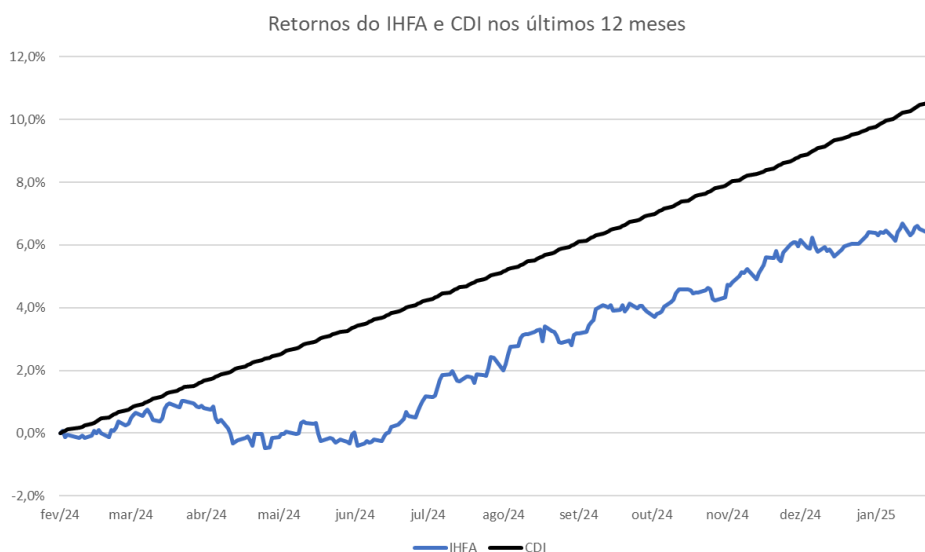


Em janeiro, os fundos multimercados apresentaram, em média, um desempenho inferior ao CDI, com uma rentabilidade de 0,87% (equivalente a 86,14% do CDI). O índice de referência da classe, o IHFA, segue acumulando um retorno abaixo do CDI nos últimos 12 meses, registrando uma média de 7,04% contra 10,97% do CDI (64,14% do CDI).

No mês, um dos principais destaques nos comunicados dos gestores foi a redução da exposição ao longo da curva de juros nominais, especialmente em posições tomadas, refletindo as interpretações sobre o ritmo e a trajetória do ciclo de juros. Esse movimento beneficiou gestores posicionados a favor da descompressão dos prêmios de risco nos ativos locais, com destaque para as posições aplicadas na curva de juros nominal, que, após terem sido detratores de retorno ao longo de 2024, apresentaram performance positiva no primeiro mês de 2025. Além disso, a valorização da bolsa local e do real também contribuíram para os bons resultados desses gestores.

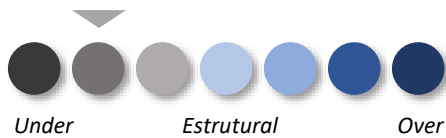
Por outro lado, a discussão sobre o impacto do atual nível de juros sobre as empresas ligadas à economia doméstica e ao consumo, foram compreendidas com um aumento por parte de alguns gestores em posições vendidas em bolsa. No entanto, essas posições acabaram prejudicando a rentabilidade no mês, puxadas principalmente pelo forte desempenho do índice SMLL11. No book de moedas, as alocações compradas em dólar contra outras moedas, principalmente contra a cesta de emergentes, também enfrentaram dificuldades, refletindo o arrefecimento das expectativas em relação ao nível e velocidade da tarifação contra esses países, anunciadas por Trump em campanha, o que pressionou negativamente a performance desses fundos.

No que diz respeito ao fluxo de captação, o volume de resgates continua significativo. De acordo com dados da Anbima, a classe registrou uma captação líquida negativa superior a R\$ 22,5 bilhões em janeiro, acumulando resgates líquidos de R\$ 354,9 bilhões nos últimos 12 meses.



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

## 4. Renda Variável



Em janeiro, os índices locais tiveram um desempenho positivo, com o Ibovespa subindo 4,86% e o B3 Small Cap Index avançando 6,11%. No mercado externo, os principais índices registraram os seguintes desempenhos: S&P 500 (+2,70%), NASDAQ (+1,64%), EURO STOXX (+7,98%), NIKKEI 225 (-0,81%) e CSI 300 (-2,99%).

No dia 20 de janeiro, teve início, de fato, o governo Donald Trump, e as atenções se voltaram para a implementação da política tarifária anunciada durante a campanha. Apesar da volatilidade na comunicação e na execução, as medidas adotadas resultaram em um aumento das tarifas, impactando o comércio internacional. Como resposta, os países afetados devem adotar contrapartidas na mesma linha.

Além do aspecto político, na última semana do mês, a empresa chinesa DeepSeek anunciou um novo e competitivo modelo de Inteligência Artificial Generativa. O grande diferencial do modelo foi sua eficiência superior, aliada a uma menor demanda computacional e energética, o que impactou o mercado e desencadeou uma revisão nas teses de investimento das empresas do setor. A NVIDIA, por exemplo, sofreu uma queda de 17% em um único dia. De forma geral, a DeepSeek se destacou ao segmentar a base de treinamento utilizando conceitos de especialização, aprendizado por reforço e destilação de modelos mais robustos, tudo isso operando com chips de gerações anteriores. Além da redução de custos, a abordagem utilizada se mostrou inovadora. Um ponto relevante dessa divulgação é que a inovação foi realizada de forma aberta, tornando-se replicável por qualquer empresa, inclusive pelos concorrentes americanos.

A reengenharia na arquitetura de desenvolvimento de IA anunciada pela Deepseek remete a diversos momentos históricos de competição, em que um produto desenvolvido fora da China acaba sendo recriado dentro do país, levando em conta suas restrições de infraestrutura, e, ao final do processo, é apresentada uma alternativa mais acessível. Um exemplo recente foi a indústria de veículos elétricos, em que a Tesla, líder do segmento, foi rapidamente alcançada pela BYD em um tempo impressionante para os padrões do setor. De toda forma, esse movimento resultou na expansão do mercado de veículos elétricos como um todo. Da mesma maneira, a redução dos custos na tecnologia de IA deve impulsionar a demanda futura, mas o mercado já vinha demonstrando preocupação com a monetização dos investimentos no setor, e o aumento da concorrência chinesa elevou ainda mais a percepção de risco.

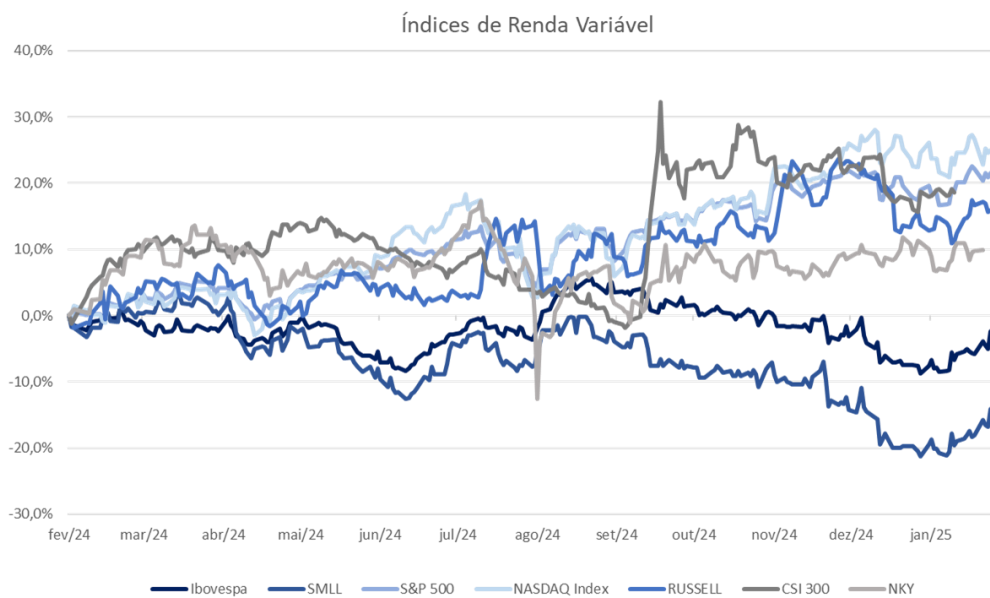
Para as grandes empresas de tecnologia americanas, o impacto imediato é um aumento da concorrência e uma redução da vantagem percebida em relação ao domínio da tecnologia. No médio prazo, o ritmo de investimentos em IA não deve arrefecer, mas tende a gerar discussões sobre a otimização do capital alocado. Nesse contexto, os primeiros balanços trimestrais das big techs foram divulgados na mesma semana, reforçando, em geral, a continuidade dos investimentos na área.

O setor já vinha sendo negociado com múltiplos elevados, especialmente após a vitória de Donald Trump, e o impacto observado na última semana do mês parece ter sido resultado de uma combinação entre realização de lucros e reavaliação de posicionamentos diante do aumento da concorrência chinesa. A queda foi mais acentuada no setor de semicondutores, impulsionada por um ajuste nas expectativas sobre a oferta e demanda futura de chips de alta tecnologia. Em outros segmentos, os impactos foram menores e levaram a uma rotação para outros setores.



No mercado doméstico, os ativos continuaram sendo influenciados pela dinâmica da curva de juros e do câmbio. Com o alívio nesses fatores, houve uma recuperação das perdas registradas em dezembro, resultando na compensação integral do desempenho negativo do fim de 2024.

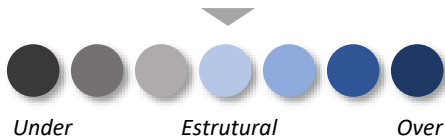
Em termos de fluxo, os investidores estrangeiros ingressaram com R\$ 6,8 bilhões no mercado à vista. No período, a Cosan desinvestiu sua participação na Vale, gerando um efeito pontual nos dados de fluxo.



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management



## 5. Câmbio



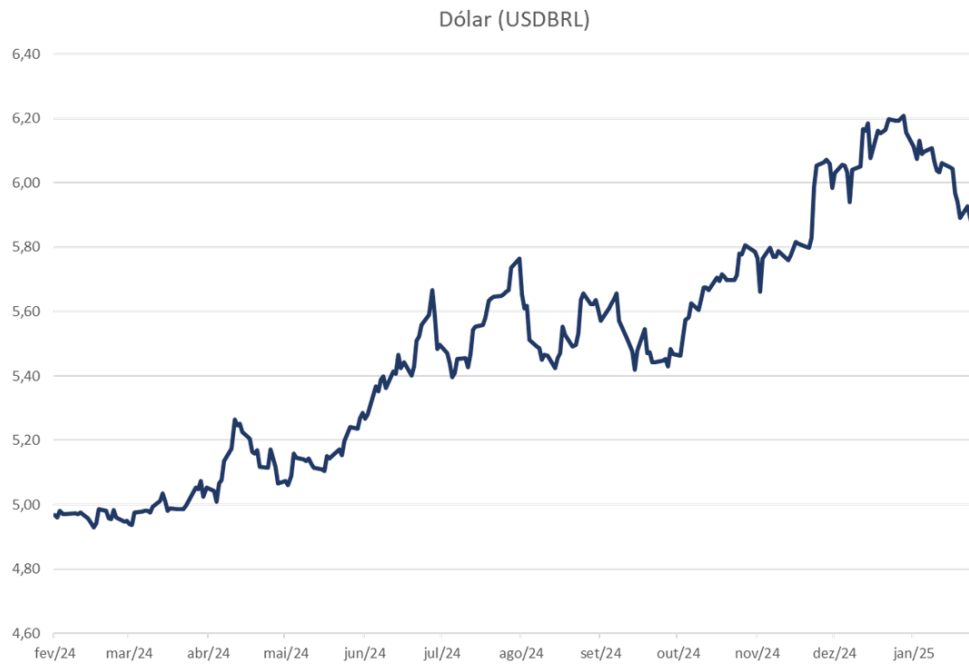
Além de realizar a maior venda de dólares no mercado à vista da história — um total de US\$ 21,5 bilhões em dezembro de 2024 —, o Banco Central continuou injetando liquidez por meio de linhas de câmbio em dólar ao longo de janeiro. No período, além de um leilão adicional de US\$ 2 bilhões (com vencimentos em US\$ 1 bilhão em novembro e US\$ 1 bilhão em dezembro de 2025), também efetuou a rolagem de US\$ 2 bilhões de uma linha de câmbio que venceria em 4 de fevereiro, prorrogando o vencimento para 5 de janeiro de 2026. Com isso, o montante total em aberto desse tipo de operação atingiu US\$ 17 bilhões. Essa estratégia reforça o compromisso do Banco Central em mitigar pressões sobre o cupom cambial e manter o carregamento elevado — diferencial de juros entre o Real e o Dólar —, tornando a moeda brasileira mais atrativa para investidores estrangeiros que operam nesse tipo de posicionamento.

Nesse contexto, o investidor estrangeiro, que encerrou 2024 com uma posição comprada de aproximadamente US\$ 70 bilhões em contratos futuros de câmbio na B3, liquidou mais de US\$ 10 bilhões ao longo de janeiro — um volume superior até mesmo ao fluxo cambial total informado pelo Banco Central, apontando saídas líquidas de cerca de US\$ 6.7 bilhões no período (US\$ 4,562 bilhões pela conta financeira e US\$ 2,137 bilhões pela conta comercial). Apesar da continuidade da saída de recursos pelo câmbio em janeiro, impulsionada por um fluxo financeiro mais negativo e uma atividade comercial mais fraca pelo lado das exportações, a forte venda de derivativos cambiais pelos estrangeiros superou essa demanda por dólares, contribuindo para a valorização do Real. Esse movimento fez com que a cotação do dólar recuasse da faixa de R\$ 6,10–R\$ 6,30 observada em dezembro de 2024 para os atuais R\$ 5,70–R\$ 5,90.

Além disso, ao analisar o carregamento ajustado pela volatilidade (variação dos preços) em uma janela móvel de três meses, observa-se que o Real se tornou mais atraente do que o Peso Mexicano — uma das moedas preferidas para posições de carregamento por investidores estrangeiros. Esse fenômeno não ocorria desde meados de 2021.

Saindo das questões técnicas, é importante destacar que, após a vitória de Trump, investidores internacionais ampliaram ainda mais suas posições compradas em dólares contra moedas de países emergentes e desenvolvidos. No entanto, à medida que o novo presidente adotou um tom ligeiramente mais moderado em relação às tarifas comerciais, o mercado começou a reduzir parte dessa exposição. Embora isso não signifique necessariamente que as tarifas serão de fato mais brandas, essa mudança de discurso ajudou a aliviar momentaneamente a pressão sobre o Real. Nos últimos dias, Trump já pressionou o Canadá e o México com tarifas, especialmente relacionadas ao combate às drogas, como o fentanil. Até o momento, essa postura tem seguido a linha do que ele já vinha sinalizando nas semanas anteriores. Para os próximos meses, espera-se a implementação de tarifas voltadas ao comércio internacional, que terão um impacto mais significativo no direcionamento do dólar frente às demais moedas.

No acumulado do mês, o Real registrou uma valorização de 5,40% em relação ao Dólar.

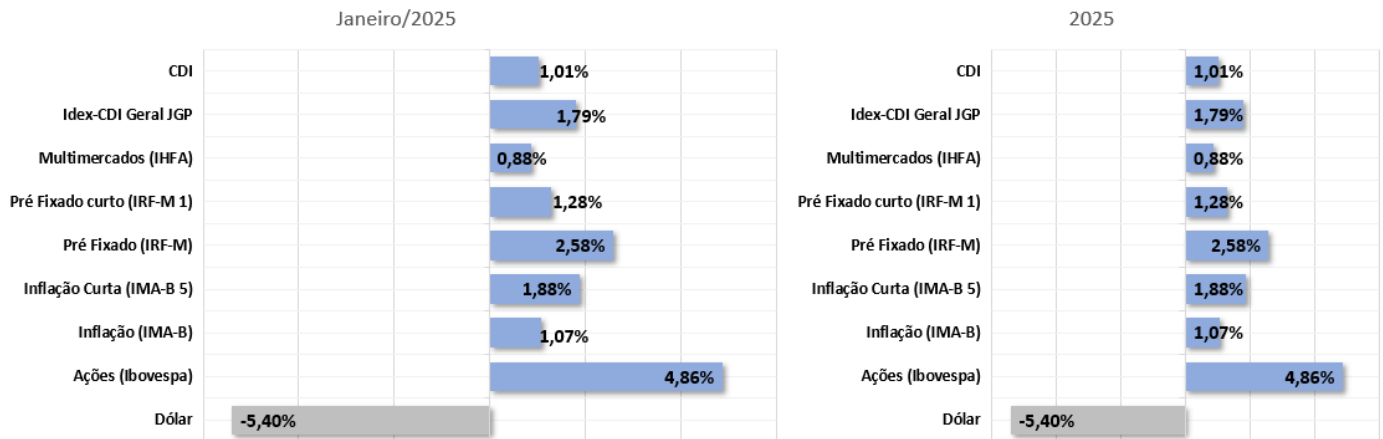


Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management



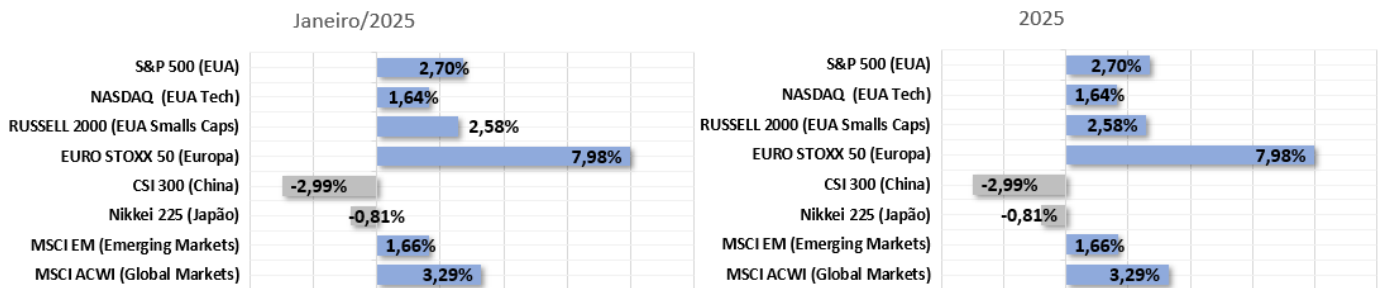
## 6. Indicadores

### Mercados Locais



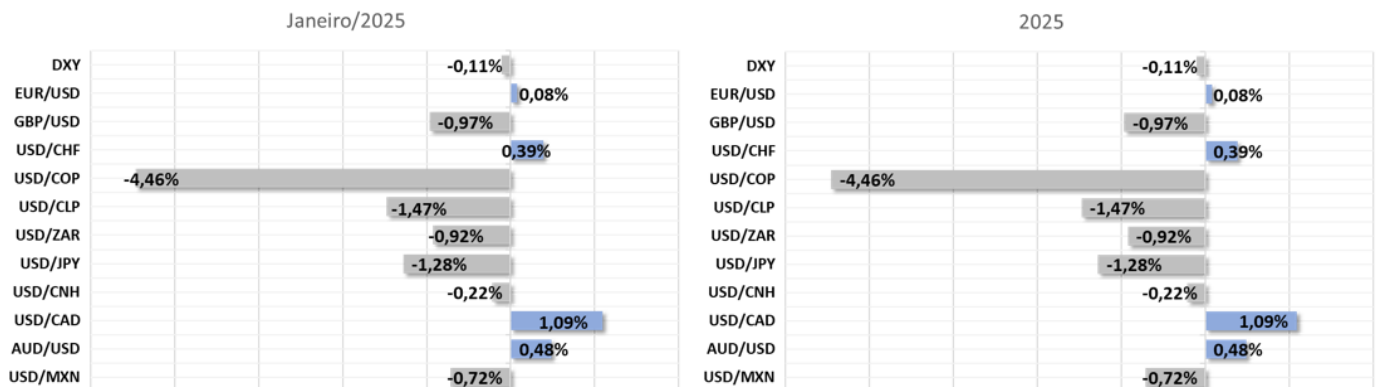
Fonte: Quantum Axis e Bloomberg / Elaboração: AZBWM

### Mercados Globais



Fonte: Quantum Axis e Bloomberg / Elaboração: AZBWM

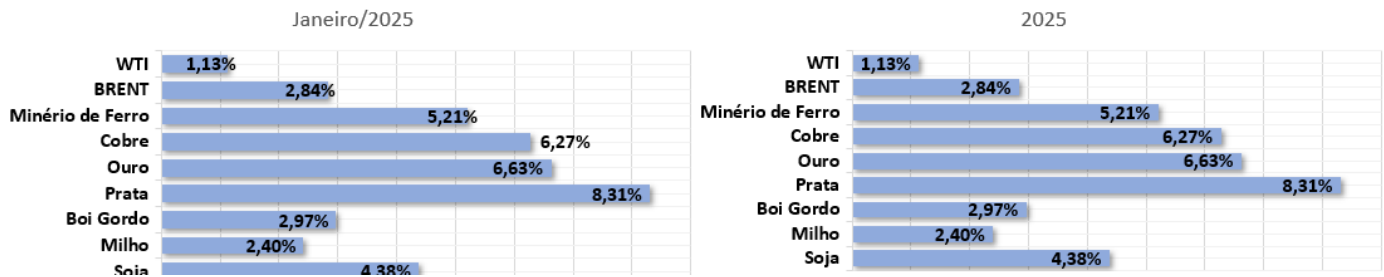
### Moedas Selecionadas



Fonte: Bloomberg / Elaboração: AZBWM

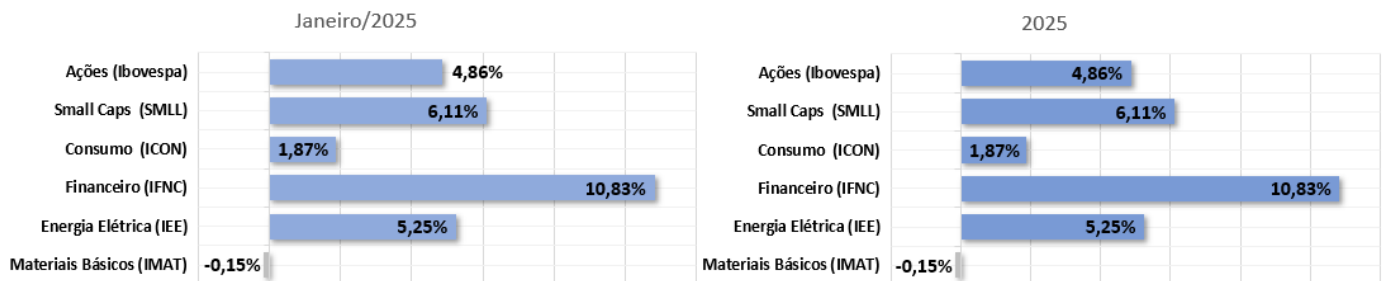


## Commodities Selecionadas



Fonte: Bloomberg / Elaboração: AZBWM

## Índices Brasil



Fonte: Quantum Axis e Bloomberg / Elaboração: AZBWM

## Movimento nas taxas de Juros Globais em janeiro

PAÍS	2 Anos	Δ bps	5 Anos	Δ bps	10 Anos	Δ bps
EUA	4,33%	▼ -3	4,52%	▼ -6	4,75%	▼ -6
CANADÁ	2,52%	▼ -21	2,52%	▼ -19	2,79%	▼ -15
REINO UNIDO	4,09%	▼ -18	3,94%	▼ -11	4,01%	▼ -6
SUÍÇA	0,10%	▲ 6	0,24%	▲ 6	0,44%	▲ 6
ALEMANHA	2,07%	▲ 6	2,18%	▲ 8	2,44%	▲ 8
ITÁLIA	2,38%	▲ 1	2,88%	▲ 2	3,51%	▲ 4
ESPANHA	2,23%	▲ 2	2,57%	▲ 4	3,06%	▲ 2
JAPÃO	0,75%	▲ 11	0,91%	▲ 11	1,16%	▲ 10
BRASIL	14,95%	▼ -98	14,69%	▼ -91	14,57%	▼ -41
MÉXICO	9,00%	▼ -43	9,07%	▼ -37	9,35%	▼ -28
CHILE	5,32%	▲ 32	5,53%	▲ 26	5,74%	▲ 25
COLÔMBIA	8,08%	▼ -31	8,43%	▼ -31	8,97%	▼ -29
ÁFRICA DO SUL	8,24%	▼ -4	9,04%	▲ 0	10,38%	▲ 7
CHINA	1,33%	▼ -7	1,40%	▼ -14	1,52%	▼ -21

Fonte: Bloomberg / Elaboração: AZBWM



## SOBRE A AZIMUT BRASIL WEALTH MANAGEMENT

Somos a Gestora de Patrimônio do Grupo Azimut no Brasil, que provê soluções de investimento para investidores de alta renda, assessoria e aconselhamento financeiro independente, especializada em alocação de ativos para patrimônios individuais, familiares e empresariais.



Acompanhe nas redes sociais:



Baixe nosso aplicativo:



Disclaimer: Este material é meramente informativo e seu conteúdo é baseado em informações disponíveis ao público. Foi elaborado em caráter de boa-fé a partir de dados obtidos de fontes consideradas confiáveis e, dessa forma, as opiniões ora demonstradas podem ser modificadas a qualquer tempo, sem prévia comunicação. Este documento não representa uma recomendação e/ou expectativa de investimento ou performance para a aquisição de cotas de fundos de investimentos ou outros investimentos, nem deve servir como única base para tomada de decisões de investimento. A rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Antes de efetuar seus investimentos e, para melhor entendimento dos produtos, recomenda-se a leitura cuidadosa do Regulamento e Prospecto dos Fundos. As aplicações em fundos de investimentos estão sujeitas a riscos de investimento, incluindo a possibilidade de perda do capital investido e aportes adicionais para os fundos que possuam alavancagem. Os fundos de investimentos não contam com a garantia do Administrador do Fundo, do Gestor de Carteira, de qualquer mecanismo de seguro, ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Desse modo, a Azimut Brasil Wealth Management não assume qualquer responsabilidade por quaisquer decisões de investimento baseadas neste documento. Desse modo, ressaltamos que a responsabilidade pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação bem como consequência, são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo a Azimut Brasil Wealth Management de todas as ações decorrentes do uso deste material. O seu conteúdo é destinado exclusivamente à(s) pessoas(s) e/ou organizações indicadas no endereçamento eletrônico, podendo conter informações confidenciais, as quais não podem, sob qualquer forma ou pretexto, serem utilizadas, divulgadas, alteradas, impressas ou copiadas, total ou parcialmente, por pessoas não autorizadas pela Azimut Brasil Wealth Management. Em caso de dúvida, fale com o seu Gerente.



Ouvidoria Azimut Brasil Wealth Management

0800 718 7831 | [ouvidoria@azimutwealth.com.br](mailto:ouvidoria@azimutwealth.com.br)

**Azimut Brasil Wealth Management**

Rua Leopoldo Couto Magalhães Jr, 758 - 14º andar Conjunto 141 – CEP: 04542-000 | Fone: (11) 3552-7656 | Ouvidoria: 0800 718 7831